

# Tipógrafos no meio teatral oitocentista: Pedro Carlos de Alcântara Chaves (1829-1893)

Licínia Rodrigues Ferreira\*

## Resumo

Várias figuras do meio literário e artístico oitocentista português provêm da classe dos tipógrafos, como por exemplo Eduardo Coelho ou Teófilo Braga. No teatro, profissionais da tipografia dedicaram-se à dramaturgia e à crítica, integraram empresas e colaboraram na produção de espetáculos. Dentro deste grupo, vamos encontrar Pedro Carlos de Alcântara Chaves (1829-1893), agente teatral que se destacou na segunda metade do século. Exerceu a função de ponto no Teatro da Rua dos Condes, para o qual escreveu diversas comédias, que alcançaram êxito, sobretudo entre o público de gosto popular. Na sua obra, Alcântara Chaves reproduz tipos populares (lavadeiras, sapateiros, criadas, funileiros...), reflete sobre a vida do operário e retrata a condição da classe tipográfica. Conhecer melhor o autor / agente teatral / tipógrafo Pedro Carlos de Alcântara Chaves e as relações entre a tipografia e o teatro é o objetivo deste trabalho.

**Palavras-chave:** Pedro Carlos de Alcântara Chaves; Teatro português; Século XIX; Teatro da Rua dos Condes; Tipógrafos; Operários; Associativismo

\* Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

## Introdução

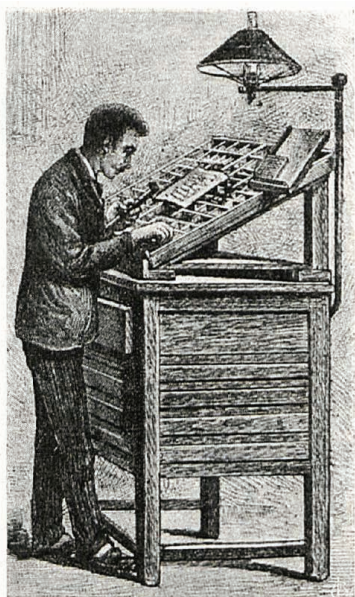
O presente trabalho parte da reflexão acerca da cultura popular em Lisboa na segunda metade do século XIX, particularmente a sua expressão num determinado meio cultural, o teatro, que, naquele tempo, era um privilegiado veículo de formação e de entretenimento. Este tema permite encontrar interligações de diversas realidades sociais que caracterizam o século, como o associativismo e o movimento operário, com a atividade artística. Trata-se de um período de luta pelos direitos dos operários, de revoluções socialistas, de greves.

Tal como refere José Barreto (1981), os tipógrafos desempenham um papel fundamental na luta pelos direitos dos trabalhadores; embora operários manuais, o ofício que exercem é a produção de livros e jornais. Entre os operários das artes gráficas, são precisamente os compositores, de quem se exige maior cultura, que se destacam na ação sindical. De facto, os tipógrafos eram, reconhecidamente e por dever de ofício, uma classe instruída. E, como nota também Susana Durão (2003), formam uma classe privilegiada no conjunto dos diversos ofícios mecânicos.

Com efeito, o tipógrafo, principalmente o compositor, caracteriza-se por uma cultura superior à da maioria dos restantes operários. Segundo atesta o tipógrafo Manuel Pedro (1944: 9), «A leitura constante que, por dever de ofício, se faz dos originais, que versam assuntos e matérias diferentes umas das outras, contribui imensamente para que o operário tipógrafo se instrua, seja um pouco letrado e se evidencie por este motivo de todos os outros obreiros». Os tipógrafos cultivam uma certa cumplicidade com os homens de letras, e alguns deles escrevem e publicam a sua própria obra (cf. Pacheco, 2013: 23).

A presença de profissionais das artes gráficas no meio teatral é antiga e frequente, englobando diferentes intervenientes na produção de espetáculos. Numa outra obra, Manuel Pedro (1950: 12), falando de tipógrafos portugueses do início do século XX, sublinha o interesse dos colegas por assuntos teatrais, discutidos nos cafés nas horas de convívio. Não será abuso transpor para Lisboa a afirmação de Manuel Pedro de que o teatro era a maior atração dos tipógrafos (portugueses).

A ligação entre tipografia e teatro encontra-se presente ao longo do século XIX, desde logo na transferência de tipógrafos para a carreira teatral, quer na escrita quer na interpretação. Entre os atores, citamos Teodorico Batista da Cruz (velho), que, segundo Brito Aranha (1908: 16), foi chefe do exímio tipógrafo, livreiro e impressor Miguel Cobelos. Francisco Alves da Silva Taborda, um dos mais célebres atores do século XIX português, foi também tipógrafo.

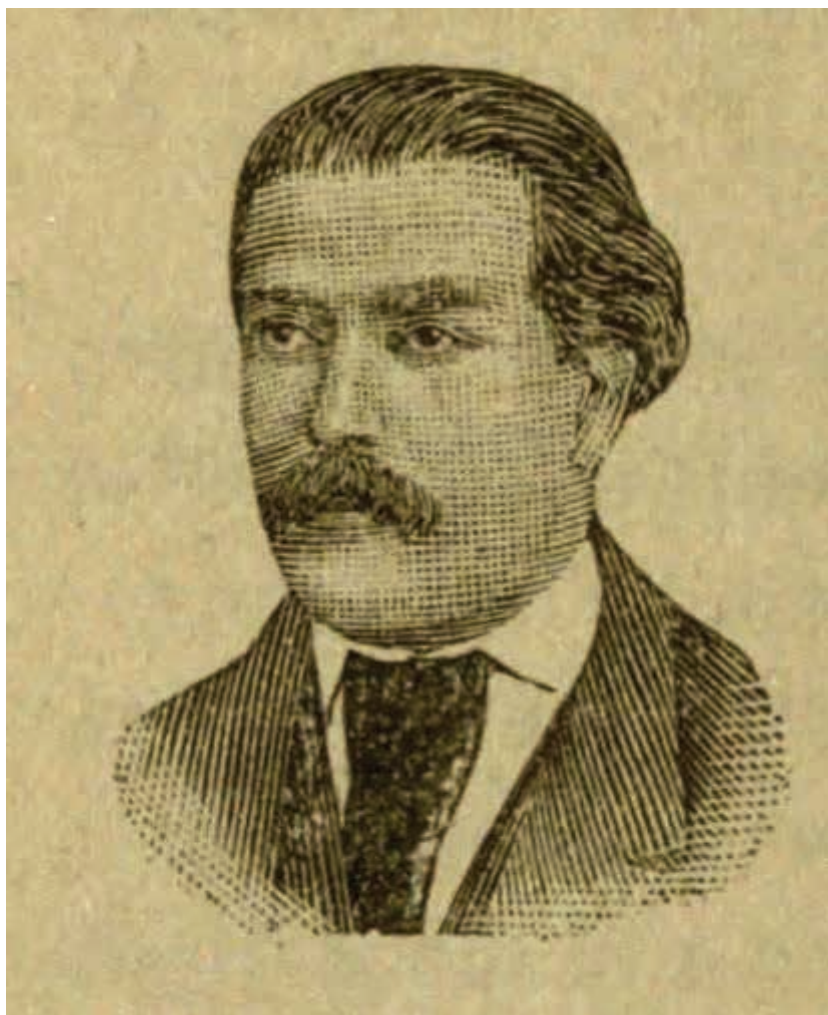


1 – Tipógrafos de ontem.

Fonte: Manuel Pedro (1950)

2 – Pedro Carlos de Alcântara

Chaves. Fonte: Bastos (1898)



A escolha de Pedro Carlos de Alcântara Chaves para explorar a relação entre tipografia e teatro tem o intuito de enaltecer a vasta produção dramática e o alcance da sua obra, indissociável da atividade do Teatro da Rua dos Condes no terceiro quartel do século XIX. De um modo abrangente, situa-se no âmbito do teatro popular, com ligações ao movimento operário português.

## Pedro Carlos de Alcântara Chaves tipógrafo

Pedro Carlos de Alcântara Chaves, nascido em Lisboa a 26 de julho de 1829, era filho do compositor-tipógrafo Basílio José Chaves<sup>1</sup>. Entrou como aprendiz na Imprensa Nacional em 1842, no dia em que completava 13 anos. A entrada de aprendizes nas oficinas fazia-se por volta dos 12/13 anos, mas podiam começar aos 10 ou ainda antes. A Imprensa Nacional desempenhava então um importante papel de escola das artes gráficas (cf. Ribeiro, 1912: 69). Sob a direção de Frederico Pereira Marecos, a Imprensa Nacional encontrava-se em fase de modernização, tomando como modelos as mais avançadas técnicas das tipografias europeias.

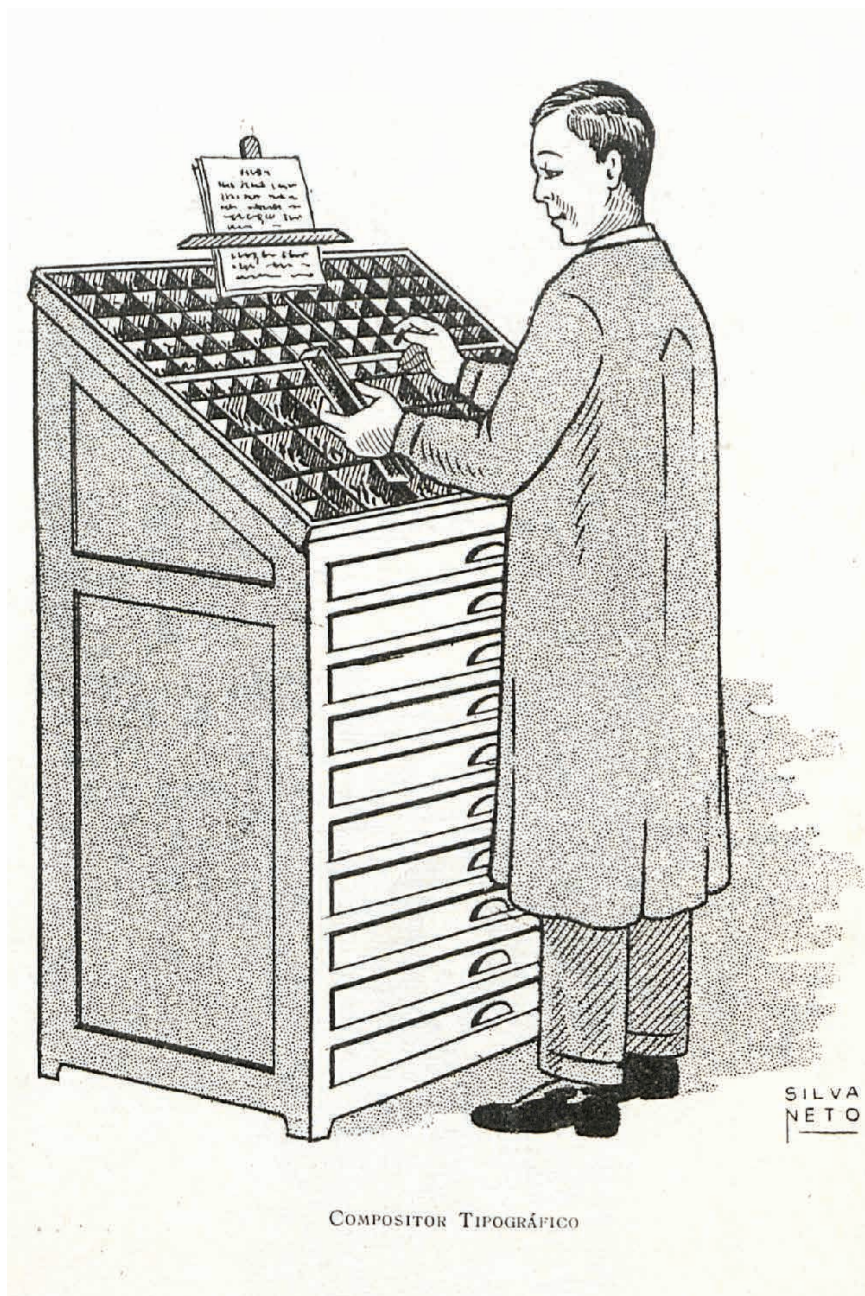
Depois de alguns anos passados como aprendiz na Imprensa Nacional, Chaves trabalhou em diversas oficinas<sup>2</sup>. Na década de 1850, colabora com órgãos da imprensa dedicados ao movimento operário, nomeadamente o *Eco dos operários* (1850-1851) e o *Jornal do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas* (1853).

Com efeito, embora receoso devido à sua parca instrução e à crítica negativa que anteriores escritos seus receberam, acede ao convite de Francisco Vieira da

1 O assento de batismo, redigido a 27 de setembro de 1829 na paróquia das Mercês (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, Livro dos batismos da paróquia das Mercês 1824-1836, f. 137v), revela-nos que o pai, Basílio, e a mãe, Maria José, moravam na Rua Formosa, atual Rua do Século. Casaram a 18 de fevereiro de 1828 na paróquia da Encarnação (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, Livro dos matrimónios da paróquia da Encarnação 1824-1834, f. 118), sob testemunho de outros dois profissionais das artes gráficas, António Sebastião Coelho, compositor de letras, e João Francisco Moniz, abridor de estampas. A família de Basílio era originária da vila de Chaves, e a de Maria José proveniente da vila de Góis.

2 Entretanto, Pedro Carlos casa com Maria do Rosário na paróquia das Mercês, a 7 de maio de 1849 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, Livro dos matrimónios da paróquia das Mercês 1824-1850, f. 285).





COMPOSITOR TIPOGRÁFICO

3 – Compositor tipográfico. Fonte: Manuel Pedro (1950)

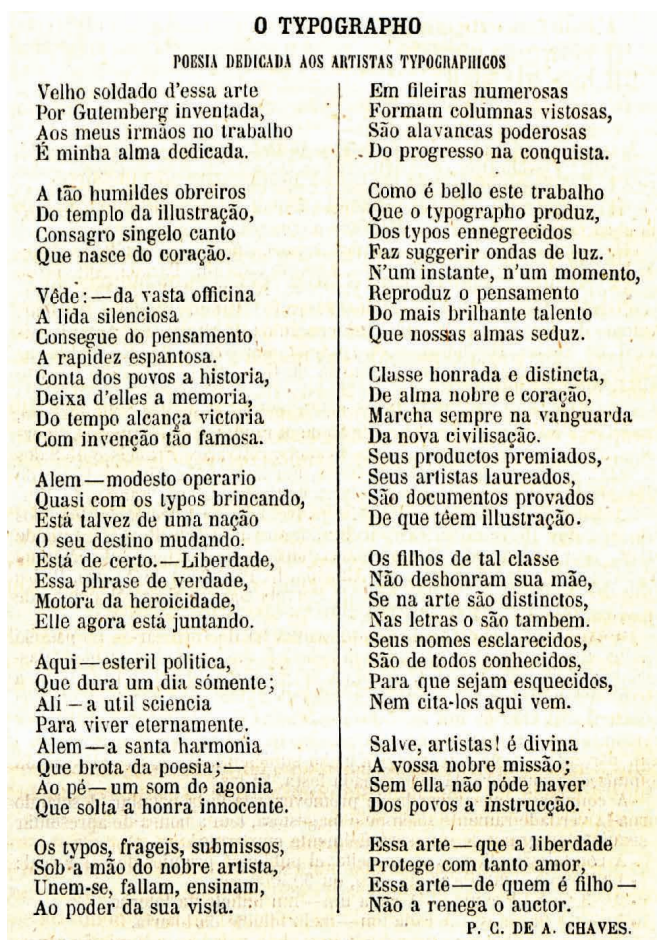
Silva no sentido de colaborar com o *Eco*. Promete contribuir para a luta da classe operária: «Artista do coração, tiranizado por homens ineptos, e que da arte só sabem o nome, dói-me profundamente a miséria das nossas classes; e vítima de uma arbitrariedade feroz, eu sei avaliar as dores causadas por ela, e hei de no seu jornal pugnar pelos interesses das vítimas que lhe estão sujeitas» (*Ecco dos operarios*, n.º 27, 2/11/1850). O primeiro artigo destina-se a denunciar, precisamente, a escravidão a que os mestres sujeitam os aprendizes, desde crianças. Tal violência terá sido experimentada por Alcântara Chaves enquanto aprendiz de tipógrafo. Denuncia igualmente o hábito dos mestres de não ensinarem tudo o que sabem aos discípulos – uma prática que Susana Durão ainda testemunhou, século e meio depois, no seu estudo sobre oficinas tipográficas.

No período de formação da primeira Associação Tipográfica em Lisboa, Alcântara Chaves publica uma nota sobre a constituição do montepio tipográfico, em 1852, de cuja administração fazia parte. No mesmo artigo (*A Revolução de Setembro*, 27/7/1852), Chaves afirma que «Era sem dúvida a classe tipográfica aquela que, devendo sempre marchar na vanguarda da civilização, devia também soltar o grito e abraçar todas as ideias nobres e generosas a favor do engrandecimento das classes, e da maior soma de benefícios para aqueles que vivem do trabalho». Contudo, a Associação era na altura controlada pelos operários da Imprensa Nacional, que, com salários mais elevados, usufruíam de condição superior às dos colegas de outras oficinas (Barreto, 1981: 268).

Em 1855, Alcântara Chaves abandona a profissão de tipógrafo para se dedicar à arte dramática, entrando na empresa do Teatro da Rua dos Condes como ponto, acumulando sucessivamente as funções de dramaturgo e ensaiador. O espetáculo do dia 31 de dezembro de 1855, em seu benefício, conta com a declamação de uma poesia de M. M. dos Anjos intitulada “O operário”.

Embora passando a dedicar-se à arte dramática, Chaves não se despediu das dificuldades monetárias, e é assim que explica mais tarde a opção de publicar os seus textos: «Não é a louca vaidade de me querer inculcar literato, porque sabem que o não sou, todos aqueles que me conhecem, e hão de percebê-lo aqueles que me lerem; é apenas o desejo de procurar por esta forma melhorar os deficientes recursos que as minhas ocupações me proporcionam» (dedicatória de *Culpa e perdão*, 1863).

Ao longo da sua carreira e obra, Alcântara Chaves mostrou sempre admiração pela arte tipográfica, patente em especial no poema intitulado “O tipógrafo”, que o periódico *A federação* publicou em 1865. Com a sua arte de dispor as letras, o «modesto operário / Quase com os tipos brincando, / Está talvez de uma nação / O seu destino mudando». Tem, portanto, consciência da imensa responsabilidade do tipógrafo, pois os tipos «São alavancas poderosas / Do progresso na conquista». A instrução dos povos depende da missão «divina» da classe tipográfica.



4 - Poema “O typographo”. *A federação* (1865)

## Alcântara Chaves e a Associação do Teatro da Rua dos Condes

Quando Alcântara Chaves entra no Teatro da Rua dos Condes, em 1855, o espaço é gerido por uma associação, formada em novembro de 1853, a aguardar a aprovação régia dos seus estatutos – o que sucederia em 1856. No verão de 1855, quando o proprietário do edifício, o tabelião António Pedro Barreto de Saldanha, tenta tomar a empresa do teatro, Chaves escreve nos jornais um artigo denunciando a usurpação e defendendo a legitimidade da Associação e do seu representante/empresário, Agostinho Joaquim dos Santos (*O portuguez*, 26/6/1855).

A escolha de um modelo associativo para a gestão do Teatro da Rua dos Condes foi inovadora. A Associação nasce perfeitamente enquadrada num contexto, nacional e internacional, de apologia deste modo de reunião de interesses de indivíduos, classes ou instituições. A época apresenta numerosas associações nascentes, em variados quadrantes, desde as ciências e a educação, aos ofícios mecânicos. Favorecidas pela Regeneração, ultrapassada a desconfiança do cabralismo, as associações proporcionaram uma forma útil de organização, permitindo beneficiar os seus membros. Eram especialmente os cidadãos das classes operárias que assim se juntavam, por necessitarem de melhorar as condições de vida e aceder à instrução. A Associação Tipográfica Lisbonense nascia em 1852, com 126 sócios (Barreto, 1981: 255).

Apesar de se cruzar com incisivos obstáculos no caminho, e de ser a primeira dentro deste campo de atuação, a Associação do Teatro da Rua dos Condes revelar-se-ia um exemplo de sucesso, sustentando a atividade deste teatro durante trinta anos. Aspirava também a fornecer um apoio à incerta vida dos atores e restantes artistas, uma garantia mais estável do que a de um empresário.

Esse apoio, sempre diferido pela Associação, acabou por se materializar através de um organismo independente suportando toda a classe dos atores e atrizes, com um fundo monetário de socorro. Trata-se do Montepio dos Atores Portugueses, fundado em 1860, e no qual Pedro Carlos de Alcântara Chaves integrou os órgãos dirigentes: em 1865 e 1866 foi eleito para o conselho fiscal (*Diário de Lisboa*, 4/2/1865 e 2/3/1866)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Para a recuperação destes dados foi preciosa a pesquisa possibilitada pela base de dados DIGIGOV-Diário do Governo Digital 1820-1910, recentemente lançada pelo CEPES – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade.





THEATRO DA RUA DOS CONDES — CONDEMNADO A SER DEMOLIDO — VISTA EXTERIOR — SALA DOS ESPECTACULOS — CORREDOR DOS CAMAROTES  
(Desenho do natural por Macedo e Christino)

5 - Teatro da Rua dos Condes. *O Occidente* (1/7/1882)

Um dos membros da Associação do Teatro da Rua dos Condes era o também tipógrafo Francisco Vieira da Silva (1825-1868), conhecido pelo seu ativismo associativo e pela defesa dos direitos dos operários. Vieira da Silva combateu pela sobrevivência da Associação, em momentos em que ela enfrentou maiores dificuldades. O teatro, para Vieira da Silva, erguia-se como escola para todas as classes (cf. Ribeiro, 1990: 324).

Sob a égide da Associação, o Condes afirma-se como um teatro de comédia para as classes populares. Pode-se dizer que Alcântara Chaves escolheu o teatro como forma de intervenção junto dessas classes. Os amigos a quem dedica as suas peças e para quem compõe poemas são sobretudo atores, como Joaquim Bento, Rolão ou Simões.

Sintoma da popularidade do Teatro da Rua dos Condes era o elevado número de benefícios comprados por entidades externas. Em geral, são associações e organizações populares que escolhem o espaço da Rua dos Condes para angariar

fundos. Como exemplos, temos o Grémio Popular (benefícios a 13/10/1860 e 8/5/1861), a Associação dos Calafates (benefício a 27/10/1860), a Associação Protetora da Infância Indigente (benefício a 17/5/1861), o Montepio Esperança (benefício a 24/5/1861), a Associação dos Barbeiros (benefício a 3/6/1861), ou ainda a Filarmónica Capricho e União (benefício a 15/7/1861). Estes espetáculos deixam transparecer a proximidade da camada menos abastada da população lisboeta com este teatro.

Para essa união muito contaria, por certo, a presença de Pedro Carlos de Alcântara Chaves, como se veria nos benefícios da Associação Tipográfica Lisbonense, em 1861 e 1862, da qual permanecia sócio diligente. A sua colaboração na imprensa periódica volta-se, também, para o teatro, tornando-se redator de *O palco*, hebdomadário teatral dirigido por António de Sousa Bastos (1863).

## Produção dramática de Alcântara Chaves

Pedro Carlos de Alcântara Chaves produziu, entre as décadas de 50 e 80 do século XIX, mais de oito dezenas de textos para teatro, incluindo cenas cómicas, comédias em 1 ato, revistas, entreatos, dramas, poesias – sendo a grande maioria pertencente ao género cómico<sup>4</sup>. A imprensa de J. G. de Sousa Neves lançou uma coleção dedicada ao teatro de Alcântara Chaves, onde se incluem peças inéditas e representadas, como *Consequências de um baile de máscaras*, comédia em 1 ato, *A tomada de Tétuão*, «tolice cómica» (1863), e o drama *Culpa e perdão* (1863). Cada folheto custava 120 réis.

O teatro de Chaves ultrapassou rapidamente as fronteiras da capital<sup>5</sup>, pois foi representado em vários pontos do país (Porto, Setúbal, Santarém etc.) e até no Rio de Janeiro. A crítica chegou a lamentar que o autor desperdiçasse a sua inteligência escrevendo para teatros secundários (*Arquivo universal*, 4/7/1859). Júlio César Machado, anunciando a publicação de *Culpa e perdão*

4 Ver lista no final do artigo.

5 O tema da produção dramática de Alcântara Chaves e da atividade teatral lisboeta é enquadrado e desenvolvido em Licínia Rodrigues Ferreira – *O Teatro da Rua dos Condes: 1738-1882*. Lisboa: [s.n.], 2019, tese de doutoramento em Estudos de Teatro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, parte V.

num folheto d'*A Revolução de Setembro* (1/7/1863), elogia o talento e a coragem do dramaturgo: «Entre os autores de teatros populares, o sr. Chaves ocupa por assim dizer o lugar mais literário. Isto se deve ao seu estudioso engenho, e a um talento natural, que tem sabido resistir à adversidade com uma coragem de lutador convicto. Há um sopro de poesia nas suas composições».

As cenas cómicas são as peças de maior sucesso do tipógrafo-dramaturgo, e, dentro deste género, *Luisinha, a leiteira*, continuada pela série do *Descasca-Milho*, com inúmeras récitas e várias reedições. A cena de Luisinha (interpretada por Luísa Fialho) é o campo, os seus modos são de saloia, a sua linguagem é do povo (um dos segredos de Chaves é, precisamente, dar às personagens o competente sotaque). Nas cenas cómicas, desempenhadas geralmente por um único intérprete, cria-se uma empatia com o público, a quem o ator se dirige diretamente; e há também versos cantados entre as falas – Luisinha dedica-os a contrastar os costumes da cidade (que conhece enquanto vendedora) com os do campo. Luisinha é cortejada pelos rapazes da aldeia, entre eles o Descasca-Milho.

Na primeira parte do *Descasca-Milho*, descobrimos que o seu verdadeiro nome é José Bezerra (interpretado por Queirós). Intervém o par Luisinha e José Bezerra, e daí que passe a entreato cómico (já não cena cómica). Se Luisinha era saloia, o Descasca-Milho é-o a dobrar, imitando o trabalho na lavoura. À custa de promessas, obtém o sim de Luisinha, que por sua vez se compromete a deixar o negócio, não sem desgosto de perder os fregueses da cidade.

Chaves é igualmente responsável por um tipo especial de revista do ano, em forma de cena cómica. A *Revista do ano de 1859*, estreada a 2 de janeiro de 1860 no Teatro da Rua dos Condes, apesar de se intitular revista, consiste, na verdade, em uma cena cómica, desempenhada pelo ator Joaquim Bento. Joaquim Bento representa Portugal como «velho janota, de luneta e xaile-manta, apoiado a uma bengala, porque padece dos calos». Entra numa sala pobre e dirige-se ao público com um rol de lamentações, começando pela vela de sebo, porque não pode ainda usar iluminação a gás. Os vizinhos são um espanhol, um francês e uma inglesa, e de todos tem queixas a fazer. O dinheiro é-lhe escasso, no entanto, apresenta-se janota.

Pelo meio, sente uma algazarra: «É a companhia do Teatro da Rua dos Condes que chega de Setúbal. Deixou os habitantes daquela vila encantados com os *Encantos de Medeia*, apesar de *Os inimigos da alma* lhe terem feito frente».

A companhia do Teatro do Ginásio chega do Porto, a do Teatro de Variedades de Santarém. A personagem desenrola uma narrativa sobre os espetáculos mais vistos e os atores mais famosos na capital, e até as exposições de feras e raridades. E encontra mais uma incongruência: tantos divertimentos para um velho pobre.

Há também os jornais, os almanaques, as revistas, em grande número e permanente flutuação, que vão mantendo o velho ocupado. Até porque, no que diz respeito a melhoramentos materiais, eles vão com «o andamento das obras de Santa Engrácia» e com promessa «de estarem acabados quando as galinhas tiverem dentes». A implementação do sistema métrico também deu que falar a Portugal, prometendo confusão nas medidas. Entremeia e termina com versos cantados: «Se gostaram da revista, / Se julgam que não fui mal, / Peço palmas portuguesas / Cá p'ra o velho Portugal». Aqui estava, pois, uma nova revista inventada, simples e curta, mas obedecendo ao preceito de passar em revista os principais acontecimentos do ano.

Em final de fevereiro de 1861, Pedro Carlos de Alcântara Chaves estreia nova revista em forma de cena cómica, com música de Eugénio Ricardo Monteiro de Almeida e interpretação de Joaquim Bento. Recorremos agora à descrição de Luís Francisco Rebelo (1984: 73):

*O agrado que a Revista do ano de 1859 suscitou levou-o a repetir a mesma fórmula no ano seguinte: desta vez a personagem que resume, galhofeiramente, os sucessos de 1860 é “um velho ainda rijo”, o Sr. Lisboa, que vive numa casa pobre com “móvelia de pau dum lado e móvelia sumptuosa do outro” – o que ele explica numa cançoneta jocosa:*

*Quem me vê no meio da rua  
Não me chama sapateiro;  
Lá fora pareço rico,  
Mas sou pobre verdadeiro.*

*Nesta casa onde me vedes  
Tenho o tipo retratado,  
Com a pobreza de Alfama  
Junta ao luxo do Chiado.*



*Como na revista anterior, o comentário passa da imprensa aos teatros, dos toiros ao circo (com uma alusão ao empresário inglês Thomas Price, que construíra na borta do Salitre o primeiro edifício destinado a espetáculos dessa natureza, a que deu o seu nome) – não deixando de criticar-se o que já então era um vício nacional:*

*Divertimentos não faltam  
No caso de haver dinheiro,  
Mas os nossos pouco apanham  
Porque é pouco p'ra o estrangeiro.*

*E cada uma das secções temáticas em que o texto se dividia era rematada por uma canção, após uma espécie de bordão que pontuava o discurso do Sr. Lisboa – “Enfim, são coisas” –, como, ulteriormente, viria a tornar-se habitual.*

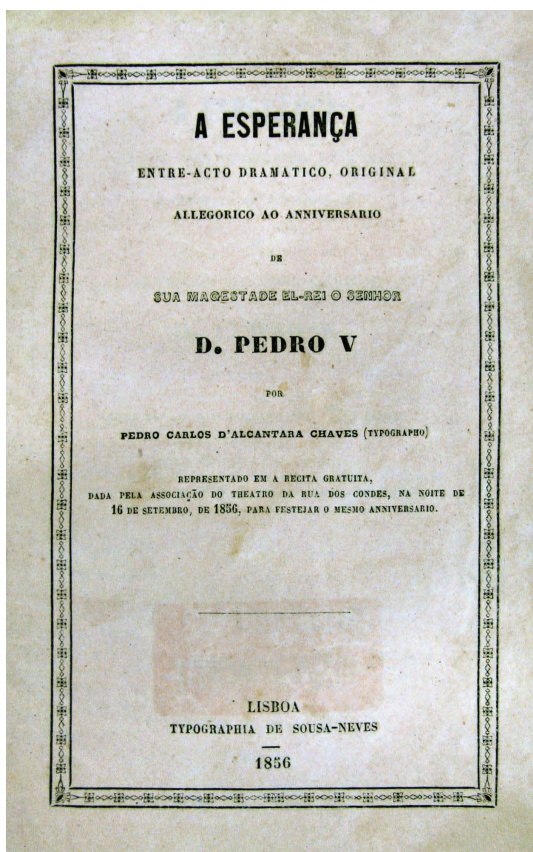
Na comédia *O poeta casado* (1862), Chaves caricaturiza a vida familiar de um literato (dramaturgo), que nunca tem sossego para escrever: é interrompido pela mulher e pelos filhos, é incomodado com pedidos de opinião de outros autores, que lhe mandam manuscritos, e que o visitam, um aventureiro que lhe quer vender as aventuras para tema de peças. Tem o gabinete cheio de papéis espalhados. Pode ser interpretado como uma autocaricatura, pois a personagem principal encontra-se a escrever um poema intitulado “Esperança” – título de outro trabalho de Chaves, que veremos adiante.

Resumindo, «A crítica de costumes, o amor à pátria, a desonra da donzela pobre enganada pelo jovem rico e a sátira política são temas e géneros que marcam a vasta produção teatral de Alcântara Chaves» (Ribeiro, 1990: 327). Segundo Sousa Bastos (1898: 272), Alcântara Chaves

*Nos teatros era conhecido pelo Pai Chaves, pela sua bonomia. Era um excêntrico. Vestia um fato novo que parecia velho no dia seguinte, e só o largava quando se rompia por todos os lados. Afastava-se sistematicamente dos primeiros artistas do teatro para andar sempre acompanhado por discípulos, coristas, ou pessoal inferior, com quem bebia e jogava o dominó, uma das suas paixões. (...) Tinha incontestavelmente talento e aptidões; mas foi sempre um boémio e um desleixado. Isto prejudicou-o.*

## Intervenção operária no palco

A lista de personagens que dão vida às peças de Alcântara Chaves é diversificada na sua origem social; contudo, privilegia operários de todos os ofícios, homens e mulheres, sujeitos a uma vida pobre, em grandes dificuldades. Há uma engomadeira, um funileiro e um fabricante de figuras de cera em *A vizinha Margarida* (1859); há um cauteleiro e uma vendedeira de sardinha em *Querem ser artistas* (1861); um estanqueiro e um caixeiro em *Consequências de um baile de máscaras* (1863); um ferro-velho e uma costureira em *O ferro velho* (1866). Os cenários são geralmente compostos por escassa mobília e raros adereços, figurando casas pobres. Chaves chegou a escrever um drama intitulado *Os tipógrafos*, representado em setembro e outubro de 1879 no Teatro da Rua dos Condes, mas cujo texto não chegou até nós.



6 – Frontispício de *A esperança* (1856)

Mais do que drama social ou drama de atualidade que em meados do século veio substituir o drama histórico, trata-se de um verdadeiro teatro operário. Chaves colaborou com o Teatro da Rua dos Condes até à sua demolição, em 1882. Durante este período, o Condes foi um teatro popular, frequentado por um público heterogêneo, variável consoante as direções artísticas. No entanto, foi sem dúvida um espaço de eleição para operários de todas as origens (cf. Almeida, 1993: 222 ss.).

Chaves desenha as classes trabalhadoras, conhecendo-as bem, e dando-lhes exatamente o que elas procuram – por isso elege a cena cômica como principal género a que se dedica. Os operários procuram o riso, o divertimento, que os liberte do quotidiano preenchido de excessivas horas de trabalho, que os afaste momentaneamente das preocupações. Não vão ao teatro para pensar nem para sofrer. No entanto, o teatro de Alcântara Chaves desperta neles, de certo modo, uma consciência de classe. Desde os anos iniciais, no princípio da década de 1850, em que começou a colaborar nos espetáculos particulares, a convicção de Alcântara Chaves é a de que o teatro transmite conhecimento aos que o frequentam, constitui um meio de instrução (cf. *Ecco dos operarios*, n.º 35, 4/1/1851).

O entreato *A esperança*, escrito para subir ao palco em celebração do aniversário de D. Pedro V, a 16 de setembro de 1856, é publicado no mesmo ano pela Tipografia de Sousa Neves, assinando o autor, na página de rosto, como «Pedro Carlos de Alcântara Chaves (tipógrafo)». Partilhando do sentimento de admiração pelo jovem monarca, Chaves enaltece a bondade do soberano ao aceitar uma obra humilde, amostra da proteção concedida aos pobres: «A honra que Vossa Majestade me prodigalizou, aceitando esta minha humilde produção, veio provar-me que não me enganei quando disse às classes trabalhadoras “tende fé e esperai”». A peça procura, com efeito, dar alento às classes trabalhadoras, sujeitas à miséria, para que tenham esperança numa vida melhor.

No drama *Martírios e rosas*, o ator e coautor Pinto de Campos (1833-1889) desempenha o papel do tipógrafo Miguel, profissão que na realidade exercera durante alguns anos. O drama, representado em 1857 no Teatro da Rua dos Condes, retrata as consequências da flutuação no serviço tipográfico, ocorrendo períodos, que o próprio Pinto de Campos experimentara, de falta de trabalho. Miguel tem um pai doente e uma irmã costureira, vendo-se impossibilitado de contribuir para as despesas da casa.

Recusa-se a pedir trabalho na oficina onde se iniciara como aprendiz na arte tipográfica, justificando com o sofrimento que nela o fizeram passar: «Eu tinha o péssimo defeito de saber ler e de pensar, e isto são crimes que não se perdoam naquela casa. A guerra partiu de muito alto e eu sucumbi, vendo com prazer que se no combate encontrei aduladores e vis, tive sempre por amigos todos aqueles que sofriam em silêncio, obrigados pelas circunstâncias. Ao menos, nas outras casas de trabalho tenho encontrado um irmão em cada colega...» (Cena IV). A denúncia da precariedade do operariado tipográfico torna-se ainda mais clara, na mesma cena, quando justifica a necessidade de mudar de emprego: «Não abandono a arte por minha vontade; as circunstâncias é que me obrigam a isso. Atualmente, ganha mais qualquer analfabeto em trabalhos materiais, do que o tipógrafo que mata o corpo cansando também o espírito».

No século XIX, segundo o testemunho de Manuel Pedro (1950: 16), os tipógrafos «trabalhavam doze horas por dia, e aos domingos, de manhã, a sua comparência nas oficinas era obrigatória, para fazerem a chamada limpeza, por cujo trabalho não recebiam qualquer remuneração. E para que o pessoal não faltasse, as férias só eram pagas neste dia».

O dramaturgo transpõe, assim, para o palco, na personagem de Miguel, as penas que ele mesmo sofrera e que já havia denunciado no *Eco dos operários*. Finalmente, na peça, Miguel alcança um emprego nos caminhos de ferro, salvando a honra da família.





7 – Pedro Carlos de Alcântara Chaves. Fonte: Bastos (1908)

## Conclusão

Pedro Carlos de Alcântara Chaves ocupa uma posição destacada no teatro operário português da segunda metade do século XIX. Integra uma corrente que eleva o povo à literatura com o propósito de produzir uma cultura orientada para as classes populares, no caso típico do operário tipográfico que acede ao jornalismo e à produção dramática (Santos, 1992: 541). No seu percurso, cruzam-se três realidades interligadas de meados de Oitocentos: movimento operário, movimento associativo e teatro popular.

Partindo de uma aprendizagem, muito jovem, nas oficinas tipográficas, projeta o seu saber, que a composição lhe exige, na produção de textos, para imprensa e para teatro. Abraça então a vida teatral, mas sempre entrelaçando a sua atividade – ponto, dramaturgo e ensaiador – com o destino da classe tipográfica, e do operariado em geral. Por isso, escreve com o objetivo de divertir, de proporcionar lazer aos operários, mas também com a missão de lhes inculcar alguma instrução, simultaneamente potenciando a consciência de classe.

## Fontes e Bibliografia

### Arquivos

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais:

Livro dos matrimónios da paróquia da Encarnação 1824-1834.

Livro dos batismos da paróquia das Mercês 1824-1836.

Livro dos matrimónios da paróquia das Mercês 1824-1850.

## Periódicos

*Arquivo universal*, 4/7/1859.  
*Diário de Lisboa*, 4/2/1865; 2/3/1866.  
*Ecco dos operarios*, 2/11/1850; 4/1/1851.  
*O portuguez*, 26/6/1855.  
*O recreio popular*, 14/2/1855.  
*A Revolução de Setembro*, 27/7/1852.

## Monografias

ALMEIDA, Fernando António – *Operários de Lisboa na vida e no teatro (1845-1870)*. Lisboa: Caminho, 1993.

ARANHA, Brito – *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista. Tomo III*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.

BARRETO, José – Os tipógrafos e o despontar da contratação colectiva em Portugal (I). *Análise social*. Vol. 17, n.º 66 (1981-2.º), p. 253-291.

BASTOS, Sousa – *Carteira do artista*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand-José Bastos, 1898.

– *Diccionario do theatro portuguez*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1908.

CHAVES, Pedro Carlos de Alcântara – *A esperança: entre-acto dramatico*. Lisboa: Typographia de Sousa-Neves, 1856.

– *Revista do anno de 1860: scena comica*. Lisboa: Imprensa Industrial, 1861.

– *Culpa e perdão: drama original em 2 actos*. Lisboa: Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1863.

– *O poeta casado*. Lisboa: Typographia Rua do Arco n.º 19, 1865.

– O tipógrafo. *A federação*. Vol. 10, n.º 29 (1865).

– *Luizinba, a leiteira; O Descasca-Milho*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, Editor, [18-?].

– *Revista do anno de 1859: scena com pertencões a comica*. Lisboa: Livraria de Viuva Marques e Filha, [18-?].

CHAVES, Pedro Carlos de Alcântara; CAMPOS, P. Pinto de – *Martyrios e rosas: comedia-drama n'um acto*. Lisboa: Livraria de Campos Junior, [1857?].

- DURÃO, Susana – *Oficinas e tipógrafos: cultura e quotidianos de trabalho*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- FERREIRA, Licínia Rodrigues – *O Teatro da Rua dos Condes: 1738-1882*. Lisboa: [s.n.], 2019. Tese de doutoramento em Estudos de Teatro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FIGUEIREDO, Cláudia – Os usos do palco: o proletariado e o teatro no início do século XIX. In: *Atas do I Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal, 13-15 de março de 2013, FCSH-UNL*. Vol. 1. Lisboa: FCSH, 2016. p. 129-141.
- GODOLFIM, Costa – *A associação: história e desenvolvimento das associações portuguesas*. Lisboa: Seara Nova, 1974.
- LIMA, José Lobo de Ávila – *Movimento operário em Portugal*. Lisboa: Ferreira & Oliveira, L.da Editores, [1905?].
- MACHADO, Júlio César – Folhetim. *A Revolução de Setembro*, 1/7/1863.
- PACHECO, José – A imprensa no cruzamento das artes e das letras. In: *VIII Congresso da Sopcom, Lisboa, 17-19 out. 2013*. Braga: Sopcom, 2013. p. 20-25.
- PEDRO, Manuel – *Tipógrafos ilustres*. Porto: Imprensa Moderna, 1944.
- *Tipógrafos de ontem, tipógrafos de hoje, tipógrafos de amanhã?* Porto: [s.n.], 1950.
- RANCIÈRE, Jacques – *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário*. Lisboa: Antígona, 2012.
- REBELO, Luís Francisco – *História do teatro de revista em Portugal*. 1, *Da Regeneração à República*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.
- RIBEIRO, José Vitorino – *A Imprensa Nacional de Lisboa: apontamentos e subsídios para a sua história*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1912.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares – *Portugal e a Revolução de 1848*. Coimbra: Minerva, 1990.
- SÁ, Vítor de – *Perspectivas do século XIX*. 2.<sup>a</sup> ed. Porto: Limiar, 1976.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos – A elite intelectual e a difusão do livro nos meados do século XIX. *Análise social*. Vol. 27, n.º 116-117 (1992), p. 539-546.
- SILVA, Inocêncio Francisco da – *Diccionario bibliographico portuguez*. Tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.



VASQUES, Eugénia – Exit-manet: sobre o “ponto” no teatro. In: Calado, Alexandre Pieroni (ed.) – *Os pontos no Teatro Nacional D. Maria II*. Lisboa: Bicho do Mato, 2017.

## **Teatro de Pedro Carlos de Alcântara Chaves** **lista alfabética de títulos publicados e/ou representados**

**Um actor no camarim:** scena das scenas da scena. Lisboa: Typ. de Sousa Neves/Livraria Campos Júnior, 1866. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1865.

**Um actor passando o benefício:** scena comica original. Lisboa: Livraria do Sr. Campos Junior, 1866. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1856.

**Uma actriz no prego:** mayonese de musica conhecida e de prosa desconhecida. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, [1869?]. Representada pela atriz Bárbara no Teatro de Variedades Dramáticas, em 31 de dezembro de 1868, e repetidas vezes em 1869.

**A actriz passando um benefício:** scena comica original. Lisboa: [s.n.], 1866. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1859, em benefício da atriz Felicidade Perpétua.

**O adeus do artista:** poesia. Lisboa: Typ. Universal, 1861.

**Ainda o Descasca-Milho!!** lamentações de um pae de familia: entre-acto, original em continuação da Morte do Descasca-Milho. Lisboa: Livraria e Papelaria Portuguesa de Ferreira & Franco, Lda., [186-?]. Representado com geral aceitação no Teatro da Rua dos Condes, em 29 de maio de 1867.

**Alto, vareta!** desproposito a proposito de diversas coisas: scena que depois se verá se é comica. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, Editor, 1869. Para se representar no Teatro das Variedades Dramáticas pelo ator António Pedro. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1867.

**Amor da patria:** desproposito a proposito do Frontão em 1 acto. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, [18--].

**O António Maria:** cavaco d'um vendedor do dito, com os espectadores que tiverem a pachorra de o ouvir: scena comica. Lisboa: Liv. Economica de Domingos Fernandes, 1881. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1881.

**Ao insigne actor Joaquim Antonio Roiz Rollão:** em testemunho de reconhecimento offerece á Sociedade Dramatica Firmeza e Capricho: poesia de Illm.º Snr. P. C. d'A. Chaves, recitada por Manoel Eleuterio Duarte em 24 d'Abril de 1859. [Lisboa?]: [s.n.], 1859.

**A arte e a associação:** monólogo dramático. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1857.

**A arte não tem paiz:** scena original. Lisboa: Typographia de F. J. Gonçalves, 1861. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1861, em benefício da atriz Luísa Fialho.

**Aventuras do sr. Barnabé da Esperança:** cena cómica.

**O baptizado do filho do Descasca-Milho:** comedia de costumes em um acto em continuação da Luizinha a Leiteira, Descasca-Milho, e casamento do dito. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, 1865. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1865.

**Os campanologos portugueses:** scena de família em 1 acto. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, [18--]. Publicada com a nota "rep. com geral aplauso no Teatro do Ginásio de Lisboa, e de S. João do Porto". Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1864.

**O casamento do Alto Vareta:** comedia de costumes em 1 acto. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, [1870]. Estreada no Teatro do Príncipe Real, em 20 de dezembro de 1869. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1870.

**O casamento do Descasca-Milho:** comedia de costumes em um acto em continuação da Luizinha a leiteira, e do Descasca-Milho. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, 1864. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1863.

**Casar para ser livre:** comédia em 2 atos. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1875.

**A conquista do México:** comédia-drama. Música de E. R. Monteiro de Almeida. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1865.

**Consequencias de um baile de mascarar:** comedia original em 1 acto. Lisboa: Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1863. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1855.

**Contínuas tribulações de um contínuo:** cena cómica. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1860.

**Culpa e perdão:** drama original em 2 actos dedicado ao meu excellente amigo José Simões Nunes Borges. Lisboa: Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1863. Theatro de Pedro Carlos d'Alcantara Chaves. Primeira serie; numero 1. Representado nos teatros da Rua dos Condes, Lisboa, do Baquet, Porto, e de S. Pedro de Alcântara, Rio de Janeiro.

**Dae aos pobres:** poesia. Recitada pela atriz Clementina, em benefício dos cegos ex-alunos da Casa Pia. Lisboa: A. S. de Sousa Bastos, [18--].

**O Descasca-Milho:** entre-acto em continuação da mesma scena comica Luizinha a leiteira. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, [18--?]. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1861.

**Dize tu, direi eu:** entre-acto cómico. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Francisco Franco, [1937].

**Ensaio geral:** comédia em 1 ato. Representada em teatros particulares. 1855?

**A esperança:** entre-acto dramatico, original, allegorico ao anniversario de... D. Pedro V. Lisboa: Typ. de Sousa-Neves, 1856. Representado na récita da Associação do Teatro da Rua dos Condes, em 16 de setembro de 1856.

**A estrela do Norte:** drama em 3 atos, trad. de Carlos Augusto da Silva Pessoa e Alcântara Chaves. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1864.

**O ferro velho:** comedia em 2 actos, original. Lisboa: Typ. da Viuva Pires Marinho, 1866. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1866.

**Garibaldi:** drama em 4 atos. Em colab. com Carlos Augusto da Silva Pessoa. Representado em 1860 no Teatro da Rua dos Condes.

**O homem das fatalidades:** cena cómica.

**Honra e pobreza:** comédia-drama em 3 atos, imitação. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1860.

**Hospedaria do inferno:** comédia em 3 atos vertida do espanhol.

**Luizinha a leiteira:** scena comica. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, [18--?]. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1860.

**O Manel d'Aballada assistindo á representação da “Probidade”:** scena comica. Lisboa: Typ. de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1859. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1855, pelo ator José Simões Nunes Borges.

**Os mártires da Polónia.** Música de E. R. Monteiro de Almeida. Drama representado no Teatro da Rua dos Condes em 1863.

**Martyrios e rosas:** comedia-drama n'um acto original de Pedro C. d'Alcantara Chaves e P. Pinto de Campos. Lisboa: Livraria de Campos Junior, [18--]. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1857.

**Más tentações:** comedia em um acto, trad. livre de P. C. d'Alcantara Chaves. Lisboa: Livr. de A. M. Pereira, 1861. Representada no Teatro da Rua dos Condes (1856), Lisboa, e no Teatro Baquet, Porto.

**Meeting promovido pelo cidadão Leão Pantaleão no Circo de Price:** scena comica original. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, [18--?].

**O mestre Gaspar Caveira:** scena comica original. Lisboa: Typ. de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1859. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1857.

**Mestre Jaquim:** história d'um funileiro, contada por elle: scena comica, original. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, 1868. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1864.

**O milagre de Nossa Senhora da Nazareth:** lenda religiosa em 2 actos e 10 quadros. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, [1867]. Representada com geral aceitação no Teatro da Rua dos Condes.

**A morte do Descasca-Milho:** disparate em um acto para fazer ponto final ás interminaveis continuacões do sobredito Descasca-Milho. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, 1866. Estreado no Teatro da Rua dos Condes, em 9 de dezembro de 1865.

**A morte dos inocentes ou O homem do gergelim:** cena cómica. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1864.

**Mudança de posição:** entre-acto comico original continuacão do entre-acto “Querem ser artistas”. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1862. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1861.

**Não posso assim viver...:** scena-comica. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, [18--].



**Não quero ser deputado:** cena cómica. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1865.

**Não volto a Lisboa!:** despedida de um provinciano inimigo do progresso: scena original. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, [18--?]. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1869.

**A noite de S. João:** comédia em 2 atos. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1878.

**A padeira de Aljubarrota:** drama histórico de grande espetáculo em 2 atos. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1862.

**O passarinho:** scena comica original. Lisboa: Liv. de J. Marques da Silva, [18--]. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1856.

**O poeta casado:** comedia em um acto. Lisboa: Typ. da Rua do Arco, 1865. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1862.

**Por causa dos senhorios:** cena cómica. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1862.

**Provas publicas:** scena comica original. Lisboa: Livraria de Campos Junior, [18--?]. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1859.

**Um provinciano em Lisboa.** Lisboa: J. Marques da Silva, 1863. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1863.

**Querem ser artistas:** entre-acto original. Lisboa: Livr. de A. M. Pereira, 1861. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1861.

**A rainha das flores:** comédia mágica de grande espetáculo em 2 atos e 9 quadros. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1863.

**Reflexões d'um policia sobre a exposição:** cançoneta-comica pelo mesmo auctor. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, 1866.

**Regresso à pátria:** poesia recitada pelo ator José Simões Nunes Borges, depois do seu regresso do Brasil. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1861.

**Religião e arte.** Lisboa: Livraria de João Marques da Silva, [186-?].

**Religião e trabalho:** poesia dedicada e oferecida à Associação do Monte-Pio Operário Alcobacense no dia da sua inauguração em 8 de Dezembro de 1858. [Lisboa]: Typ. de Sousa Neves, 1858.

**Revista do anno de 1859:** scena com pertenções a comica e adubada com alguma musica. Lisboa: Impr. de J. G. de Sousa Neves, 1860. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1860.

**Revista do anno de 1860:** scena comica original. Lisboa: Imprensa Industrial, 1861. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1861.

**Sardinhas á Rochefort:** desproposito a proposito entre-acto. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, [18--?]. Representado pela primeira vez em 24 de fevereiro de 1870, e repetidas vezes, com geral aceitação, no Teatro do Príncipe Real.

**O senhor Gaspar Caveira assistindo aos festejos reaes:** scena comica original a proposito de muito desproposito. Lisboa: Typ. de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1858. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1858.

**A senhora Faustina á procura do seu Faustino:** pretexto para um coro de velhas. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, 1866.

**As senhoras vizinhas:** entreacto. Lisboa: Liv. Economica, 1880. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1878.

**O sr. Faustino admirador do Fausto:** pretexto para o coro dos velhos, da mesma opera. Lisboa: Livraria de João Marques da Silva, [186-?]. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1866.

**O sr. João Fernandes em procura de uma posição social:** cena cómica. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1857.

**Os tipógrafos:** drama. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1879.

**Os tirolezes:** desproposito a proposito dos ditos em 1 acto. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1879.

**A tomada de Tetuão contada por um hespanhol que nunca fallou verdade:** tolice comica original. Lisboa: Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1863. Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1860.

**Troca de noivos:** comedia em 1 acto, trad. de Pedro Carlos d'Alcantara Chaves. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, [18--]. Representada no Teatro das Variedades; e no Teatro da Rua dos Condes em 1866.

**O typographo:** poesia. Lisboa: A. de S. Bastos, 1866. Recitada no Teatro da Rua dos Condes em 23 de junho de 1865, em beneficio de Pedro Carlos de Alcântara Chaves.

**Ultima sentença:** poesia. Lisboa: Livraria de J. Marques da Silva, 1866.

**Um como tantos: scena comica.** Lisboa: Livr. de A. M. Pereira, 1861.  
Representada no Teatro da Rua dos Condes em 1857.

**A vizinha Margarida:** comedia em um acto. Lisboa: Livr. de Viuva Marques, 1859. Estreada no Teatro da Rua dos Condes, em 31 de janeiro de 1859.

**Uma vítima dos kilogrammas:** cena cómica.

**Viva a liberdade... do tabaco:** tollice original em um acto. Lisboa: Livr. de J. Marques da Silva, 1865. Representada no Teatro do Ginásio Dramático, em maio de 1865.

**A voz do operário:** monólogo. Representado no Teatro da Rua dos Condes em 1858.

N°167

Lustre Mauresque à Emaux



1m 20

0.80